



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:
Arquibaldo Pinheiro
PAPIM

O SECULO

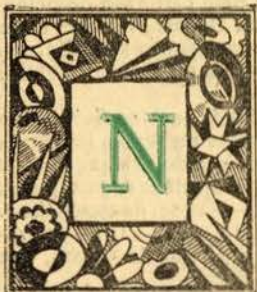
Director artistico:
Juarez Varella
PAPUSSE



UMA AVENTURA DO BÉBÉ

Por MARIA LUISA BANDEIRA PACHECO

Desenhos de TIO TONIO



ESSA manhã, o bebé acordou mais cedo, e, como não tinha que fazer, pôs-se a pensar.

Quando um meido de sete anos pensa, o resultado costuma ser um cataclismo.

Ele sorria e os lindos olhos também sorriam, satisfeitos do que a pequenina cabeça architectara.

Pela janela do quarto, o Sol vinha dar calor ao leitozinho de madeira cõr de rosa e, ao lado da cama, estendia-se a pele de um urso branco, comprida e lustrosa, onde os pêsitos de bebé desapareciam, mal soava a hora embirrenta de miss Mary abrir a porta e dizer:

—It is ó klok Children.

O bom do urso parecia também rir-se e, nos seus olhos de vidro, o claro da manhã punha scintilações de malícia.

Havia um sossego absoluto em toda a casa. Ao lado de bebé dorme a miss Mary, que sofre de cólicas e que a mãã mandára vir de Inglaterra, para cuidar dêle e habitua-lo a falar várias línguas.

—Para que me massam?—pensava.—A todas as línguas do mundo, prefiro as línguas de gato...

Porém, a mamá não lhe dá bolos nem doces se não obedecer à miss e, então... obedece.

Bébé, como quem toma uma resolução enérgica, sentou-se na cama, deixou escorregar, uma após outra, as pernas, e depois de calçar os seus silenciosos escarlates, pé aqui, pé acolá, aproximou-se da porta e, abrindo-a com muito cuidado, começou a andar pelo corredor.



Como era enorme e formava vários torcicólos, bebê já não se achava muito bem disposto, tanto mais que não tinha a consciência muito tranquila.

O papão já há muito que não lhe metia medo, porque descobrira que era a ama com as calças e o sobretudo do marido, que fingia querer leva-lo, a bater em painéis e fazendo uma voz muito grossa; contudo, não o tranquilizavam os estalidos da madeira, sob as suas passadas cuidadosas. Por fim, parou.

Na sua frente caía, em pregas, magestoso, um reposteiro de veludo, com o braço da sua família, bordado.

—Até que cheguei, crédo! — murmurou bebê, olhando em redor.

Mas, ao vêr o corredor tamanho que percorrera, assustou-se da sua própria audácia; porém, incapaz de retroceder, levantou o reposteiro e entrou. Então, um singular encanto o deteve.

Esqueceu os fantasmas que julgara a persegui-lo, os castigos do reportório da mamã, para só contemplar o que o cercaav. Era a capela toda em marmore branco com os seus tres altares.

No do lado direito está Nossa Senhora com seu manto azul de seda, que a mamã bordara, por promessa, pois que o salvara duma doença da qual já se não lembrava do nome.

Ao lado esquerdo S. Jorge, com uma armadura e lança que reluziam como prata.

Bêbé não percebia muito bem porque lhe tinham posto aquilo; achava mais natural na sua pessoa, quando no quintal, comanda soldados imaginários, montado no cavalo de pasta.

E olhava respeitoso para todos os outros santos, ricamente vestidos, cheios de flores...

Quadros pintados a óleo a todo o comprimento das paredes representando aspectos dos martírios porque passou Jesus. Do teto, em abobada, descia o lustre em prata cinzelada, com lâmpadas electricas imitando velas.

Dois jarrões da India preciosos, em frente do altar-mór. Relíquias, dois estandartes amarelos, esfarrapados, que o seu trisavô ganhara aos francezes. E, Bêbé, pensava ao vê-los:

—Quando fôr homem, também hei de ser soldado.

Achava-se agora de mil côres. Os vitraes das janelas envolviam-no nas côres diversas da sua paleta, o Sacrário, onde o Sol batia. Era uma luz de ouro.

E, Bêbé, deslumbreado, notou, porém, com uma carêta, que os judeus dos quadros que maltratavam Jesus, tinham caras de assustar a gente, tratou logo de subir ao genuflexorio, onde sua mãe ouvia missa, e pôs-se então a contemplar, enlevado, a preciosidade da sua casa, a adoração da sua familia inteira. Era, no altar-mór, um menino Jesus da altura dêle. Admirável escultura de perfeitissima encarnação.

Coberto apenas por uma tunica de veludo branco, a envolver-lhe a cintura um grosso cordão da mesma côr, os pés calçados de sandálias douradas, parecia pronto a dirigir-se para o trabalho com seu pai S. José. Seu rosto juvenil illuminava-se já num sorriso triste e indulgente, duas covinhas marcavam-se nas suas faces redondas.

E bebê estava vendo-se a si próprio! Como o menino tinha cabelo loiro, em caracois, (a mamã não lhos quizera cortar ainda), olhos castanhos claros, as mesmas feições, igual brancura rosada de pele. Ria-se admirado, e fazia as mesmas covinhas...

Esta semelhança espantosa, confundível, era a alegria e paixão dos seus pais, que sempre a fazia notar às visitas. Seu tio, arcebispo, afirmava até, que era milagre, e que, com certeza, êle viera ao mundo para grandes coisas, pois

que, Deus, dando-lhe assim a sua beleza, mostrava a protecção que lhe concedia.

—Milagre! diziam todos e nunca faltavam flores ao menino, promessas ricas, toalhas de seda bordadas, para que bebê viesse a ser um grande homem.

Ele tinha-lhe um respeito, uma estima! Que bem se devia estar no altar, às vezes com muita gente ajoelhada aos pés, a beijar-lhe a túnica, a perfumá-lo... Que feliz era o menino a quem ninguem ralhava; que governava o mundo sem dizer uma palavra, sendo tão pequenino!...

Havia muito tempo que Bêbé pensava nisto e fôra assim que lhe viera a idéa que ia pôr em prática agora e que representava o seu maior desejo: tomar o lugar do menino, receber todos aquêles mimos, aquêle amor respeitoso...

Seu olhar brilhava resolutivo, febril, as orelhas escaldavam-lhe, agarrava as rendas gomadas das toalhas... Por fim decedido, encostou a cadeira ao altar e segurando-se aos relêvos do marmore, trepou ao encostode veludo onde se descansam as mãos, achando-se daí a pouco ao lado do menino. Neste momento sentiu como que uns arrepios pela espinha, imaginou que um dos seus braços se levantava e o ia atirar dali a baixo. Tremeu a valer, cerrou os olhos e esperou:

Como não caía cousa nenhuma, abriu um olho investigador para o menino e vendo-o na mesma posição, animou-se; a torcer o botão do pijame pediu-lhe: —E' só por um bocadinho... Não faço nenhum mal.

Dir-se ia que nesse momento, uma claridade festiva foi pôr um sorriso nos lábios de todas as imagens: Os próprios judeus de barba cerrada, olhar cruel, pareceram quasi sorrir também.

E bebê resolveu-se. Com muito custo e jeito, desprendeua fita que enrolada no menino o prendia invisivelmente ao fundo do altar. Em seguida despiu-o e arrastou-o para um

dos cantos, onde ficou escondido pelo cortinado de peluche, que caía de cada lado do altar. Depois procedeu então ao vestuário, mas quando calçava a segunda sandália, percebeu-lhe ouvir vozes e gritos. —Que diacho será aquilo? pensou.

Mas logo teve a explicação: Ainda mal se tinha posto na posição do menino: a mão direita um pouco levantada como a abençoar, o braço esquerdo caído, eis que entram sua mãe e sua ama, que chorando vão ajoelhar na sua frente:

—Meu Deus! — dizia sua mãe — Não sei de meu filho...

—Fazei que êle apareça! gemia a ama. — Ora esta! reflétia o nosso bebê. Aquilo foi o estafermo da «missa», que alarmou a casa toda!

Se digo que estou aqui fazem-me em migalhas; mas deixá-las assim chorar...

Sentia-se já muito atrapalhado e fazia-lhe uma impressão olhar para baixo...

—Estou aqui! ia a exclamar, porém outra mulher aparece.

—O' ceus! A «missa» toda inteira!

Ajoelhando-se também murmurava; — Mim não ter culpa...

—Sim, tu é que tiveste a culpa! dizia-lhe interiormente bebê furibundo. Estás á espera da presa! Não me apanhas... Atreve-te a puxar-me as orelhas!... E triunfante continuou o seu papel.

Já a ama por fim falava na policia, quando nova mulher entra na Capela: Nova, é como quem diz, já com os seus sessenta bem puxados e toda a aparência de creada de boa casa.

Muito admirada, ela erguia maquinalmente na mão, uma bandeja de prata, onde sobre um papel todo recortado, bebê



DE MARÇANO A MILIONARIO

A VIDA DUM ROCKFELLER

NOVELA INFANTIL

por Augusto de Santa Rita

Desenhos de Tiotónio

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



XPONDO à saída do «cinêma», a um seu companheiro, a idéa que, súbito, o assaltara, o amigo pôs-se a rir à gargalhada, exclamando, ao mesmo tempo, no seu calão usual:

— «Eh, «pá» tudo estás «lirú» de todo!»

Mas Roque, naquela noite, já não conseguiu adormecer senão ao fim de muito haver matutado no seu novo projecto. Quantos mais obstáculos

se lhe deparavam, mais vontade sentia de os vencer.

Pouco dormiu; na manhã seguinte, saíu mais cedo da camarata em que pernoitava com os pequeninos colegas do seu officio e foi esparir as idéas para a doca do Tejo.

O «Ganda» aproara de madrugada. Era um vapor de seis mil toneladas, pertencente à Companhia Colonial de Navegação, que fazia carreiras entre Lisboa-Havre e Anvers.

Ao ver dirigir-se para o cais um pequeno escaler transportando um official, de farda branca com botões amarelos, que, precisamente naquele momento assestava o binóculo, Roque perguntou a um catraeiro, que perto estava, quem era aquele «tipório», que fazia lembrar o cauteleiro fardado.

— «E' o Imediato do Ganda» respondeu, abstractamente, o catraeiro, puxando uma cachimbada.

— «E o que quer dizer Imediato?» insistiu o pequeno cheio de curiosidade.

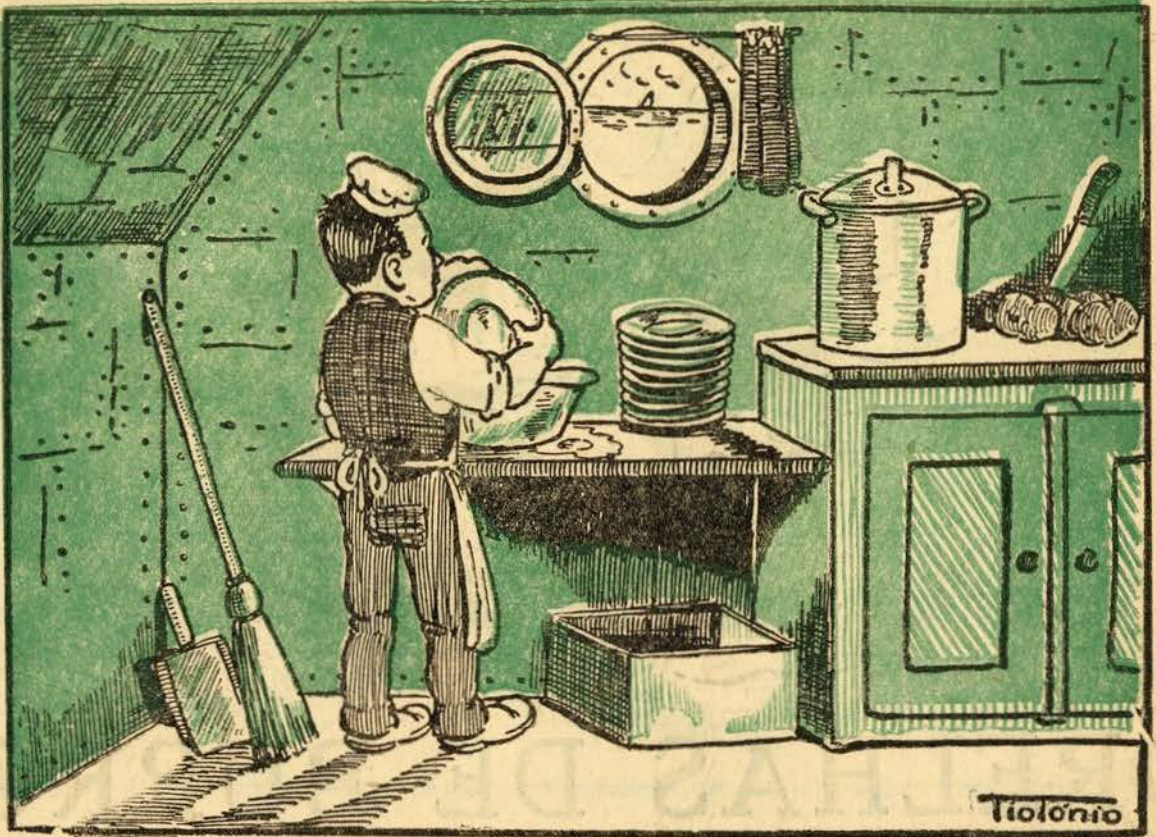
— «E' um dos que mandam no barco! voltou simplesmente o interrogado, sem lhe ligar importância.

— «Ora aí está o que me faltava ouvir!» exclamou Roque, dando três pulos e batendo, com a mão espalmada, novamente na testa.

Correu em direcção ao cais. Seguiu, com o seu olhar observador e arguto, os mais insignificantes pormenores do desembarque e no instante em que, poucos momentos depois, o Imediato do Ganda, atravessava o arco triumphal da rua Augusta, bruscamente abordou-o:

— «O' senhor Imediato do Ganda, mande-me pôr ime-





dlatamente (e Roque acentuou com um modo patusco êste advérbio de modo) ao serviço de bordo, mesmo sem ganhar nada! Eu queria andar embarcado!

Três dias depois, Roque lavava a louça de bordo, na cozinha do Ganda.

Ao fim de cinco dias de viagem, entre ondas altaneiras de encapelado Oceano, por clara manhã de Junho, já num mar de rosas, sereno como um lago, Roque ouviu, sôbre a cabeça, no tombadilho do barco, um côro de exclamações:

—«La baie Royale, la baie Royale!...»

O «Ganda» chegara ao Havre, o lindo porto francês.

Dez minutos depois alguns passageiros apiavam-se e Roque solicitava, do imediato, autorização para visitar o porto. Concedida esta, com a observação de que o barco partiria na madrugada seguinte, e que, portanto, recolhesse à noite, Roque, que tinha a sua fígada como sempre, saltou o portão do «Ganda» e, mal se viu em terra firme, pôs-se a caminhar sem destino.

De vez em quando, esquecido de que se encontrava em país estrangeiro, desejando saber o nome das ruas que ia atravessando, interrogava os transeúntes que deparava mas, não se fazendo compreender, dava de súbito uma reviravolta e, enfiando as mãos nos bolsos, punha-se a trautear o costumado estribilho:

—«O'-i-ó-ai,
eu se quizer não me ralo,
quem chora perde o seu tempo,
quem não chora há-de ganhá-lo!»

Em dado momento, repisando pela décima vez a predilecta toada, ouviu, com regozijado espanto, uma máscula voz, ao portal de uma fábrica, de chaminés fumegantes, exclamar jovial:

—«Eh, patrício, anda cá!»... Radiante aproximou-se.

—«Ora até que, emfim, oiço língua de gente, entre estas

línguas de trapo, — (bradou Roque, extendendo as mãositas e acrescentando com franca vivacidade: —venham de lá êsses ossos!...»

—«Que fazes aqui?!» perguntou-lhe o conterrâneo, tipo característico de operário português. E, logo, expansivamente Roque se pôs a contar donde viera, de onde era e o que o trouxera ali: —o desejo de vêr novas terras, uma ansia imensa de aventuras.

—«Agora o meu maior desejo é ir para Paris!» rematou Roque que, dir-se-ia dum só fôlego, estivera falando dez minutos seguidos.

—«Também eu para lá vou daqui a uma semana. Se queres, acompanhar-te-hei. Entretanto trabalharás aqui entre os aprendizes do *Comptoir Métallurgique*.»

—«Que vem a ser isso?!» interrompeu o pequenito, entusiasmado pela proposta do operário que antevia ser um belo companheiro e um auxiliar precioso, em virtude da sua completa ignorância da língua francesa.

—«E' o nome da fábrica, — (volveu o operário afagando Roque) — queres?!»

—«Está combinado — (concluiu Roque) — vossemecê caíu do céu aos trambolhões.

Passados oito dias, após uma breve aprendizagem nas oficinas do «Comptoir Métallurgique» ao lado de Casimiro, que assim se chamava o operário português, Roque, na estação de Honfleur no porto do Havre, tomava o combóio para Paris,

Era inteligentíssima a orientação seguida no Grande Orfanato de Souzaes, relativamente à educação das suas internadas. Conforme as aptidões reveladas, assim se destinavam a esta ou àquela vida que, mais tarde, como profissão, viriam a adoptar. As que manifestavam mais gosto pelos trabalhos de costura, dedicavam-se de preferência a

(Continúa na ultima página)



ORELHAS DE BURRO

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE TIOTÓNIO

Porque estivera casmurro,
e não soubera a lição,
a mestra pôs ao João
umas orelhas de burro.

.....
—Que figura, aí que figura,
que pouca sorte, que asar!
Antes tudo; antes ficar
fechado na casa escura,
sem ver nem ouvir ninguém!
Antes tudo; antes um burro!

.....
Já ontem, jogando o burro,
ficara burro também!»

Assim pensando, Joãozinho,
no seu quartinho
de estudo,
sózinho,
triste, sisudo,
e muito mal humorado,
passando a limpo dez vezes
os erros do seu ditado,
depois de tantos revezes,
principia a bocejar;
deixa pender a cabeça,
e adormecendo começa
o Joãozinho a sonhar:

Sonha que é burro, mas burro
verdadeiro;
que solta tamanho zurro
que estremece o mundo inteiro!
Um verdadeiro gerico,

e o seu amiguinho Chico
se tornara um burriqueiro.

Vê-se entre albardas e cilhas
na grande Universidade,
Faculdade
de Cacilhas,

Súbito, acorda, e esfregando
os olhos inda ensonados,
olha p'ra todos os lados,
ficando
muito risonho,
muito feliz e contente
ao perceber que foi sonho
e que tornava a ser gente!

* * *
; Meninos, digam-me agora,
não fôra
mais acertado
que o Joãozinho tivesse
dado bastante atenção
à lição
do seu ditado;
e por, simples distracção,
tantos erros não fizesse?!

Vejam lá se a professora,
ao ver-vos com ar casmurro,
vos põe também, por castigo,
como ao amigo
João,
umas orelhas de burro!!!

F I M

HORA DO RECREIO

ENGENHOCAS E PARTIDAS

Para acender fosforos ao abrigo do vento

Na lixa de uma caixa de fosforos vulgar, abre-se uma fenda de 1 centimetro de altura pouco mais ou menos.

Para acender o fosforo, esfrega-se este de baixo para cima, obrigando-o a entrar n'essa fenda.

Este, acendendo-se ficará imediatamente ao abrigo do vento.

Não é bom o sistema?



Coisa facil que nin-guem faz

Observem a gravura. Quebrã não poderá fazer uma coisa tão simples... Levantar um lápis com o auxilio das unhas!

Mas experimentem. Entrelacem os dedos e unindo as palmas das mãos segurem o lápis. Fazem uma tentativa, fazem duas, trez e que arre-lia! Nem se mexe.

Já estou vendo a confusão dos vossos amigos quando lhes propuzerem uma coisa tão simples e ao mesmo tempo tão complicada.

Correspondencia

Julio Mendes Ribeiro Martins, Albano da Silva, Oswaldo Coimbra, Manoel Lourenço da Conceição, João Eduardo Vaz de Miranda Relvas, Amaeue e Antonio Lirio Ramos, José Amaro Valem, Maria Lulza Vidal, Manuel Martins, José Maria Coêlho Junior, Humberto de Andrade—Não servem os desenhos destes colaboradores, por serem feitos a lápis. Só a Tinta da China ou tinta muito escura.

Emilia Pereira Chaves—Não deve estranhar que não tenha sido publicado ainda o seu desenho, em virtude da grande aglomeração de outros trabalhos que temos recebido. Tenha paciencia e espere mais um pouco.

Francisco Taborda—Caro «sobrinho» que já tenho o gosto de conhecer. A tua historia está fraquinha apesar de ser engraçada. Um abraço.

Aida C. Torres Silva—Que pena o teu desenho não ter chegado a tempo... A tinta deve ser mais escura.

Américo Gonçalves—Bravo meu rapaz! O teu desenho está esplendido, apesar do cigarro no meudo não ficar muito a proposito. Só se publicam os retratos dos seis primeiros classificados no Concurso. Caso queiras que devolva o teu, manda um envelope estampilhado.

Um grande aperto de mão.

Francisco Albuquerque Batista—Está fraca a história. Estuda e verás as maravilhas que depois fazes. O desenho tambem está deficiente.

Joaquim Francisco Nunes, António Godinho Moura, Georgina H. Santos, Aurora Guimarães Gomes, Vasquine Custódio Costa, Carlos Frederico P. Villaret, Carlos Moreira Gentil, Arlinda Teixeira, Ilda Alves e Manoel Alves—Precisam fazer o desenho a traço mais firme e com o menor numero possivel de risquinhos.

Tal como enviaram não dá nada como gravura.

Joaquim Santos Justo—O mesmo defeito que os anteriores.

Não é preciso pagar nada para a publicação de historias sendo-o apenas as que estiverem em condições. Se a tua estiver...

Danton Nie—O teu desenho não chegou a tempo. Em minha opinião não fica atraz dos teus outros trabalhos.

Tem ainda o defeito de pouca firmeza de traço, que irá corrigindo com a prática.

Luiz Filipe de Carvalho—Já não veiu a tempo. Estão pouco cuidados os desenhos.

Raul Parda!—A Ex.^{ma} Sr.^a D. Administração recebeu o teu desenho, mas nada pode fazer por não vir feito a Tinta da China. Calcula que senhora tão exigente...

Maria Helena Araujo—Ora viva! Então como tem passado?...

O desenho já não veiu a tempo: mas talvez seja publicado. Ainda me lembro das *Rosas de Portugal*...

Recebi o beijinho e em troca envio uma duzias! Chegam?

Alda Victorina Santos Martins—Sinto muito não poder publicar um conto tão lindo como o que me enviou, por não estar na índole do nosso jornalzinho.

Antonio C. Lopes—A tua história não serve. Manda um envelope selado se queres que o devolva.

Eduardo Neves—O desenho é copiado.

Artur Fernandes Ferreira—Mais vale tarde do que nunca. Achei graça à tua comédia do *Xossé* e do *Xuan* mas não pode ser publicada por ter pouco movimento.

Faz outra mais completa.

Matilde Vicente Dias—Está fraquinho o conto «Os corsarios».

Tens imenso geito para composição mas deixa-me dizer-te que não acredito que tenhas apenas 9 anos.

Eduardo Oliveira Luna de Carvalho—Já recebi os cavalinhos que estão muito bem feitos. Serão publicados em devido tempo, pois os *desenhadores* são aos montes!...

Um grande abraço.

Diamantino Jezus Oliveira—Os versos do galego não servem. O desenho vai para a bicha.

Francisco José Marques e Antonio Paulo Saraiva—Os desenhos estão muito fraquinhos mesmo muito fraquinhos.

Joaquim Pina Gomes—E' copiado.

João A. Dias Pena—Recebi a tua reclamação. Publicaria a hespanhola se ela... já não tivesse fugido.

Na devida altura verá a luz da publicidade.

Estás de acordo?

De marçano a milionário

(Continuado da página 5)

esta ocupação, de modo a ficarem aptas, atingida a maioridade, a ganhar a sua vida como costureiras em qualquer importante estabelecimento de modas. As que revelassem mais predilecção pelos serviços culinários, aperfeiçoando-se neste mister, facilmente encontrariam colocação em qualquer exigente casa particular.

As que tinham mais amor ao estudo, preparavam-se para futuras professoras e era este o caso de Esmeraldinha que, decorrido apenas um ano sobre a sua entrada no Orfanato, já ensinava as suas companheiras, presidindo às aulas, em substituição das próprias professoras.

Ao som duma sineta, levantavam-se às 6 horas da manhã; tomavam diariamente o seu banho, ao qual logo se seguia a lição de ginástica. A's nove horas principiava o pequeno almoço, meia hora depois iniciavam-se os diversos estudos, até que, ao meio dia, almoçavam, seguindo-se, da uma às duas, a hora do recreio na cerca do Orfanato—(espaçoso quintal dum antigo convento)—findo o qual transitavam, (umas

vezes a pé, em dias bonitos, outras em «camionettes», em dias de chuva,) para a Casa de Trabalho, a quilómetro e meio do Orfanato, a fim de se exercitarem em variados trabalhos manuais. A's cinco e meia regressavam ao Orfanato onde jantavam por volta das seis. Das sete às nove brincavam novamente e às nove horas em ponto, após as orações em comum, deitavam-se e ador-meciam.



Esmeraldinha era feliz agora, livre dos maus tratos e sovas do Ti'Malaquias o qual já por três vezes, a caminho da Casa de Trabalho, casualmente encontrara, sobraçando o pesado cêsto das compras que ela, num titânico esforço, tanta vez transportara, depois da fuga de Roque! Era feliz agora. Apenas, de quando em quando, se entristecia à lembrança do seu amiguinho! — «Por onde andaria?!... dizia de si mal sonhando que, nêsse mesmo momento em que assim pensava, Roque se apiava em Paris, deslumbrado por uma civilização que êle jámais supuzera existir.

mento em que assim pensava, Roque se apiava em Paris, deslumbrado por uma civilização que êle jámais supuzera existir.

(Continúa no próximo número)

CONCURSO DE DESENHO

PREMIADOS



I PRÊMIO

José Rodrigues Redondo
Junior

II PRÊMIO

José Augusto de Moura
Cardoso

V PRÊMIO

Rosalia Ivone



III PRÊMIO

Constantina Gomes

N. R. — No próximo numero publicaremos os retratos dos autores dos 4.º e 6.º prêmios, que não chegaram a tempo.